



“Educação como prática de Liberdade”:  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8941 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT08 - Formação de Professores

### CONSTRUÇÕES DE EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: AS MEMÓRIAS COMO MOBILIZADORAS DE FAZERES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Ana Priscila de Lima Araujo Azevedo - UFPE/CAMPUS AGRESTE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

### CONSTRUÇÕES DE EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: AS MEMÓRIAS COMO MOBILIZADORAS DE FAZERES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

**Resumo:** O presente trabalho se insere no campo de discussões sobre formação de professores tendo como objetivo “analisar como as memórias podem se apresentar como agentes mobilizadoras de fazeres na prática docente para licenciandos do curso de pedagogia que ainda não atuam na docência, precisamente na realização do estágio supervisionado”. Compreendendo o espaço-tempo da formação de professores como híbrido, reforçamos a perspectiva da não dissociação teórico-prática, isto por que este não é um momento de instrumentalização para prática e sim um movimento contínuo de pensar-fazer. Assim, considerando que as memórias dos licenciandos podem ser compreendidas com matrizes de intencionalidades nessa experiência, nos apoiamos em autoras como Moraes (2015) e Bosi (2003) para discutir sobre memórias e as relacionamos à perspectiva de uma narrativa (auto)biográfica (ABRAHÃO, 2003; JOSSO 2007) que figura como lente teórico-metodológica deste trabalho. Propusemos assim aos participantes da pesquisa uma narrativa (auto)referencial oral e escrita e neste recorte trazemos as construções de um dos participantes de nossa pesquisa que nomeamos de Bruno. Os materiais (auto)biográficos do participante nos demonstraram contextos híbridos de formação, tendo nas vivências acadêmicas e no estágio supervisionado possibilidades de (re)criações e construções de memórias e fazeres.

**Palavras-chave:** Formação de professores. Memória. Estágio supervisionado.

### EXPERIÊNCIAS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A RELAÇÃO COM A MOBILIZAÇÃO DE MEMÓRIAS- NOTAS INTRODUTÓRIAS

O presente trabalho se insere no campo de discussões sobre formação de professores e teve como objetivo “analisar como as memórias podem se apresentar como agentes mobilizadoras de fazeres na prática docente para licenciandos do curso de pedagogia que ainda não atuam na docência, precisamente na realização do estágio supervisionado”. Cabe assim iniciarmos esta discussão a partir de nosso entendimento sobre o que consideramos como experiência.

Temos vivenciado, principalmente nos processos de formação de professores, a

constante busca da superação da dicotomia entre teoria e prática que historicamente permeou os processos formativos para docência. Esta visão já passível de superação nos abre a possibilidade de olhar a formação a partir do contexto da construção de experiências que são perpassadas por memórias e que nos constroem e nos movem em nossa trajetória acadêmica, o que implica considerar ainda que a formação de professores não se dá numa perspectiva meramente técnica ou instrumental mas numa relação política de imbricamento teórico-prático.

Diante disto, buscamos compreender como essas memórias poderiam se configurar como mobilizadoras de fazeres na prática docente de licenciandos do curso de pedagogia, estudantes estes que tinham no estágio supervisionado o campo mais próximo de atuação, isto por que trabalhamos nesta pesquisa com estudantes que ainda não possuíam experiência na docência. Cabe reiterar a ideia que temos de experiência (LARROSA, 2002), como algo que não está diretamente ligado a uma ideia de acúmulo de tempo, mas que se relaciona com aquelas vivências que de alguma forma marcam e transformam o indivíduo.

Desse modo, mais do que visualizar os fazeres desses estudantes no estágio supervisionado, nossa intenção foi de compreender como essas memórias se aliam a este fazer. Diante do exposto, apresentamos a seguir nossa relação com as memórias a partir da narrativa (auto)biográfica, que figura aqui como nossa lente teórico-metodológica.

### **A MEMÓRIA QUE EMERGE A PARTIR DA ESCRITA (AUTO)BIOGRÁFICA**

Consideramos que as memórias dos indivíduos têm um caráter subjetivo e também objetivo, neste sentido, é a forma como cada um deixa emergir suas memórias que confere a ela seu modo de objetivação. Assim, fazer emergir memórias é mais do que perguntar ao indivíduo sobre alguma vivência específica da qual nós, enquanto pesquisadores, temos a intenção de nos debruçar. Para Bosi (2003) é preciso ter sensibilidade e respeito na escuta das histórias de quem aprende e narra, pois “se a memória não é passividade, mas forma organizada, é importante respeitar os caminhos que os recordadores vão abrindo na sua evocação, porque são o mapa efetivo da sua experiência” (BOSI, 2003, p. 46).

Frente a isto, ao recorrer às narrativas (auto)biográficas centradas nos processos de formação, intentamos abrir ao sujeito a possibilidade de narrar-se a si próprio num movimento de busca e de (re)criações sobre suas vivências formativas, sugerindo assim que as memórias pudessem emergir num contexto de negociações entre aquilo que o mesmo decide narrar ou não (MORAES, 2015). Neste sentido, concordamos com Abrahão (2003) quando afirma que:

Ao trabalhar com metodologias e fontes dessa natureza, o pesquisador consciente adota uma tradição de pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento. (ABRAHÃO, 2003, p. 80).

Assim, consideramos que a narrativa de si não é apenas um movimento de subjetividades, mas comporta também uma dimensão de objetivação que se insere num contexto social amplo que envolve diversos elementos. Diante do exposto, pedimos aos participantes foi que narrassem suas memórias relativas aos processos de formação inicial e suas vivências em estágio supervisionado, além da narração oral, foi pedida uma narração escrita, por meio de uma carta escrita do sujeito do presente para o sujeito do passado, ou seja, o eu presente escrevendo para o eu passado evidenciando seus percursos formativos.

Diante disto, enquanto pesquisadores, nos lançamos esse desafio compreendendo que não sabíamos onde a construção desses materiais (auto)biográficos poderiam nos levar, mas entendendo acima de tudo que “[...] esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação

de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social” (JOSSO, 2007, p. 414). Ou seja, nos permitiria compreender processos individuais e coletivos, relacionados a contextos micro e macros, por dentro do olhar de quem se forma.

## MOVIMENTOS DE (RE)CRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS E FAZERES

Ao propor aos participantes desta pesquisa que deixassem emergir suas memórias, relacionadas ao contexto formativo, especificamente na formação inicial e no espaço-tempo do estágio supervisionado nos encontramos com as memórias de um estudante do curso de pedagogia que aqui chamaremos pelo nome fictício de Bruno.

Pudemos identificar a partir dos extratos das falas e da escrita da carta de Bruno, momentos em que as memórias se transformavam em possibilidades de fazeres durante a realização de sua prática docente no espaço-tempo do estágio supervisionado. Como podemos visualizar no seguinte relato: “Eu mesmo lembro, uma vez foi no 5º ano, a professora trouxe o ciclo da água. **Ela disse trabalhe com isso, o livro tá aqui**” (BRUNO, MEMÓRIA, 07/08/2019), aqui identificamos inicialmente o condicionamento da prática de Bruno ao conteúdo do livro didático, contudo, o mesmo continua,

**Mas aí eu pensei como é que eu vou trazer, eu queria trazer as questões do ciclo da água pra o aluno refletir, aí eu resolvi assim, eu trouxe o conteúdo do livro né.** Sem deixar ele, mas aí eu perguntei qual a relação que isso tinha com os alunos? Por que eu sabia que tinha alunos do campo como eu era, e também da cidade [...] **A gente tem que dá os conteúdos, mas a gente tem que trabalhar com eles, não só colocando vários conteúdos voltados para as provas externas mesmo.** (BRUNO, MEMÓRIA, 07/08/2019).

Percebemos, assim, que mesmo Bruno sendo condicionado a trabalhar os conteúdos que a escola determinou, o mesmo trouxe, a partir de suas memórias, possibilidades outras de refletir sobre o conteúdo, trabalhando inclusive na retomada de aspectos de sua infância quando experienciou ser aluno de uma escola do campo, o que lhe mobilizava a buscar referências de seus alunos para que estes se sentissem como sujeitos dessa experiência educativa. Neste sentido, Sousa e Silva (2017, p. 152) apontam que “[...] a produção do conhecimento é fruto dos saberes que são ensinados na escola associados às vivências dos alunos em seus espaços sociais, com os saberes provenientes dos seus contextos”; Assim, Bruno articula as ideias que pretende trabalhar em aula à necessidade de buscar inicialmente qual o entendimento que os estudantes têm sobre o conteúdo que será trabalhado, considerando suas experiências.

Outro aspecto que demonstra a memória como mobilizadora de fazeres pode ser compreendido quando diz: “A gente vê o que aprende e a realidade. **A gente pode trazer esse conhecimento que a gente aprende aqui no curso de pedagogia, que em si é muito importante**”. (BRUNO, MEMÓRIA, 07/08/2019).

Assim compreendemos que não há na construção das experiências de Bruno uma sobreposição entre o que ele evidencia enquanto memória de sua experiência individual enquanto estudante de uma escola campesina, do que ele traz enquanto memória coletiva de um projeto de formação acadêmica, entendemos assim que as memórias anteriores ao ingresso na universidade se relacionam com outras memórias de Bruno e que o entendimento do mesmo sobre questões que envolvem a docência passa por uma (re)criação a partir deste novo espaço-tempo.

Neste sentido, Bruno traz ainda uma experiência vivida no estágio supervisionado em

ensino fundamental, quando afirma que

[...] outras experiências que eu tive foi no estágio 2 mesmo, foi a questão de trazer a literatura de Manoel de Barros mesmo e eu achei incrível, mas teve, **como sempre tem, a questão do embate, dessa questão do tempo pra ensinar que não foi me dado muito tempo, que tem que cumprir a carga horária, o professor tem que cumprir e eu sei que era necessidade dela.** (BRUNO, MEMÓRIA, 07/08/2019).

Bruno traz à margem memórias da realização de um estágio supervisionado e aponta para o entendimento que este espaço-tempo se configura como possibilidade de realização de práticas docentes que levam em consideração as memórias formativas dos sujeitos, embora mais uma vez explicita que não houve tempo suficiente para que ele pudesse desenvolver o que havia planejado, por causa de questões do próprio sistema. Isso nos leva a inferir que a aproximação dos estudantes de pedagogia com o campo de estágio é uma possibilidade também de perceberem situações cotidianas na escola, isto porque mesmo quem é professor titular da turma se depara frente a movimentos em que o que foi planejado não consegue se efetivar por causa de diferentes motivos, sejam eles de tempo ou por causa de alguma outra questão externa. As memórias referentes ao estágio também estão presentes na carta de Bruno, como podemos ver no seguinte trecho:

**Essas memórias e experiência acadêmica possibilitaram criar práticas nos estágios além de uma prática instrumental [...] portanto, ensinar se torna um criar e reinventar as necessidades da escola e dos/as educandos/as em uma reflexão continua para uma educação para a cidadania.** (BRUNO, CARTA, 26/08/2019).

Assim, consideramos que a formação inicial no curso de pedagogia se configura como espaço de reflexão que contribuiu com o indivíduo no entendimento de que a profissão do professor não tem caráter de mero executor de tarefas pensadas fora de seu contexto, mas, sim, o professor tem possibilidades de trabalhar em sua sala de aula, de forma criativa e inventiva.

A memória é então um elemento possibilitador dessa criatividade, pois ao acessá-la o indivíduo não busca um modelo para seguir, mas possibilidades de configurar sua prática a partir do imbricamento do que lembra com a emergência do que ocorre em uma situação específica de aula, visto que “[...] um professor tem de se preparar para agir num ambiente de incerteza e imprevisibilidade” (NÓVOA, 2017, p. 1122).

As memórias são entendidas aqui como experiência, o que reforça nosso entendimento que as experiências não estão atreladas apenas a uma ideia de acúmulo de tempo e, sim, à intensidade com que são vividas.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Diante da construção evidenciada por Bruno ao fazer emergir suas memórias compreendemos que o espaço-tempo onde se constroem experiências na formação de professores é híbrido no sentido não se restringir a apenas uma vivência formativa. A narrativa oral e escrita de Bruno nos leva ao entendimento de que a memória é um elemento vivo e que se movimenta em mobilização de fazeres, bem como em construções sobre o que se entende como projeto formativo e para além disso, projeto de sociedade.

Foi perceptível por meio dos materiais (auto)biográficos construídos por Bruno que a formação inicial ocupa um espaço privilegiado na (re)criação de fazeres que têm no elemento da memória uma possível matriz de intencionalidades. Assim a memória não é o único elemento que mobiliza fazeres, mas não podemos desconsiderar seu papel nestes híbridos espaços-tempos de formação.

Ainda podemos destacar que o estágio supervisionado pode ser entendido como uma possibilidade de construção de experiências para os licenciandos que ainda não atuam na docência, inclusive na busca de superar a dicotomia teoria e prática, entendendo a experiência não a partir do tempo cronológico de atuação mas a partir da intensidade formativa em que os processos nos atravessam o que pode contribuir para os processos de construção do “ser” docente desses licenciandos.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. *Revista História da educação*, n. 14, p. 79-95, set. 2003.

BOSI, E. *O tempo vivido da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

GONÇALVES, C. L.; ALMEIDA, L. A. A.; LEITE, C. M. F. A. F. Práticas avaliativas e profissionalização nos cotidianos - uma análise de produções acadêmicas. *Revista Teias*, v. 19, n. 54, Jul./Set. 2018.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, Porto Alegre, n. 3, p. 415-438, 2007.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Campinas, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MORAES, D. Z. O que a escola faz com o currículo de história: o exame dos sentidos do trabalho docente e da lógica das práticas de ensino. In: CATANI, D. B.; GATTI JÚNIOR, D. (Orgs). *O que a escola faz?*. Uberlândia: EDUFU, 2015.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de pesquisa*, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.

SOUZA, I. S.; SILVA, S. B. *Educação popular e ensino de história local: cruzando conceitos e práticas*. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.